

## COMPETITIVIDADE DE PEQUENOS PRODUTORES DE LEITE

CASALI, Marcela <sup>1</sup>; MENDONÇA, Bruna Sesco <sup>1</sup>; BÁNKUTI, Ferenc Istvan <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Mestranda em Medicina Veterinária, PPS/UEM, Umuarama – PR

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Zootecnia – DZO/UEM e do Programa de Pós-Graduação em Produção Sustentável e Saúde Animal- PPS/UEM

**Palavras-chave:** agricultura familiar, arranjos horizontais, cooperativas, sistema agroindustrial

### Introdução

O Brasil é um dos maiores produtores de leite de vaca do mundo. A produção de leite em 2014 foi de 35,17 bilhões de litros, com 43% de aumento entre os anos de 2005 a 2014. Em 2014 o Brasil foi o quinto maior produtor de leite no mundo, ficando atrás da União Europeia, Índia, Estados Unidos e China (DERAL, 2016). A produção de leite no Brasil é realizada em todos os Estados, entretanto, alguns se destacam. O Estado que mais produziu leite em 2014 foi Minas Gerais, com 9,37 bilhões de litros representando 26,6% de toda produção nacional. O segundo Estado que mais produziu leite foi Rio Grande do Sul com 4,6 bilhões de litros, seguido do Estado do Paraná com 4,5 bilhões de litros (DERAL, 2016).

A produção de leite no Brasil e no Estado do Paraná possui grande importância econômica e social. Pois passou a ser uma das principais fontes de renda para grande parte de produtores rurais, principalmente para os produtores familiares, por utilizarem mão-de-obra familiar, gerando renda, além de fornecer o leite e seus subprodutos a estas famílias. Devido ao maior poder de consumo da população, melhores tecnologias de produção, maiores informações sobre produção de leite, a capacidade produtiva de todo Sistema Agroindustrial (SAI) do leite aumentou tornando-se mais tecnificado nos aspectos produtivos também como no ambiente institucional e organizacional. Assim o SAI do leite é um setor agropecuário competitivo no cenário nacional, sendo responsável por uma grande parcela de geração de renda e emprego no País (SOUZA e BUAINAIN, 2013).

Apesar da importância socioeconômica da atividade leiteira, alguns entraves ao seu melhor desenvolvimento ainda precisam ser superados. A produção leiteira precisa ser mais competitiva diante de um conjunto de alterações institucionais e econômicas ocorridas a partir da década de 90 no Brasil (FIGUEIRA e BELIK, 1999).

Até a década de 80 os preços do leite no Brasil eram controlados pelo governo, processo denominado por regulamentação de mercado. A partir da década de 90, com o fim da regulamentação de preços, o produtor de leite brasileiro ficou exposto a condições menos estáveis em relação ao preço a ser recebido pelo litro de leite produzido. Soma-se a desregulamentação do mercado, alterações macroeconômicas, abertura comercial, implantação do MERCOSUL e estabilização da economia brasileira. Neste novo ambiente institucional e de mercado, a cadeia produtiva do leite no Brasil precisou ser readequada (Figueira, 1999).

Além deste novo ambiente, a produção de leite passou a ser regulamentada por novas regras institucionais – governo. Entre essas, as principais foram a Instrução Normativa Nº 51 (BRASIL, 2002) e a Instrução Normativa Nº 62 (BRASIL, 2011).

A exemplo da Instrução Normativa 51 que foi implantada afim de regulamentar técnicas de produção, identidade e qualidade do leite, também do leite cru e refrigerado, além da coleta do leite refrigerado e seu transporte a granel, como por exemplo, o uso de tanques de expansão, a coleta de leite com caminhões refrigerados e parâmetros para qualidade de leite em sua composição química, para redução na Contagem de Células Somáticas (CCS) e Contagem Bacteriana Total (CBT), trazendo limites a estes parâmetros, visando melhorias na qualidade do leite produzido (BRASIL, 2002). Então a Instrução Normativa Nº 51 foi revisada e a Instrução Normativa Nº 62 foi implantada com intuito de melhorar ainda mais a qualidade do leite

produzido no País com novos limites para parâmetros como Contagem de Células Somáticas (CCS) e Contagem Bacteriana Total (CBT) além de suprimir o Regulamento Técnico de Identidade e Qualidade do leite dos tipos B e C (BRASIL, 2011).

As mudanças nos ambientes institucionais e de mercado influenciaram fortemente a cadeia produtiva do leite no Brasil. Diante do novo ambiente institucional e de mercado, as indústrias de laticínios passaram a demandar maior volume e qualidade do leite (BRITO et al., 2015). Diante desta demanda, a manutenção na atividade leiteira tornou-se inviável para alguns grupos de produtores rurais, principalmente para aqueles de pequena e média escala de produção (BÁNKUTI, 2014; IPARDES, 2010). Desta forma, as alterações institucionais demandaram maior competitividade dos produtores de leite brasileiros.

A competitividade é entendida como a capacidade de um agente permanecer e se possível crescer nos mercados em que já atua ou em novos mercados (Silva e Batalha, 1999). Para que um agente produtivo possa ser mais competitivo, este deve adotar visão mais ampla de seu negócio, sistêmica, além de ser capaz de sobreviver ao mercado atuante, crescer e até conquistar outros mercados (FARINA, 1999).

A avaliação da competitividade de um agente passa pela análise de indicadores de competitividade. Entre os principais indicadores, a tecnologia; gestão; relação de mercado e ambiente são considerados (Silva e Batalha, 1999).

A competitividade de um setor ou conjunto de setores produtivos indica o desempenho de seus agentes. A competitividade pode ser avaliada também a partir de indicadores de produtividade do rebanho; tecnologias; custos de produção; relações entre as cadeias produtivas; estrutura industrial; características do produto, entre outras. (MARTIN *et al.*, 1991). Além desses, a competitividade também pode ser avaliada a partir do grau de adequação de um agente aos ambientes institucional; tecnológico; e organizacional (JANK *et al.*, 1999).

Diante da importância socioeconômica da produção de leite no Brasil e no Estado do Paraná e da necessidade de incremento de competitividade nos sistemas produtivos rurais, busca-se neste trabalho realizar revisão bibliográfica sobre a competitividade de produtores de leite no Brasil e no Estado do Paraná.

### Desenvolvimento

Uma das principais características de competitividade dos pequenos produtores de leite é o baixo custo da produção do leite proveniente da agricultura familiar, que utiliza sua própria mão de obra e compete diretamente com produtores altamente tecnificados que detêm equipamentos de alto custo, elevando o valor do produto e devem negociar com empresas que pagam o mesmo valor pelo produto proveniente das duas partes. A falta de estabilidade da produção e distribuição do leite juntamente com as disputas por preço e quantidade prejudica a competitividade do setor, visto que a produção com baixo custo é disputada pelas indústrias, os custos de transação e quantidades do produto são fatores competitivos dentro da cadeia. Garantindo produto em quantidade, se atualizar frente as normativas e tecnologias, as cooperativas tem novamente grande chance de competir no mercado do leite (Shubert e Niederle, 2015)

Produtores de leite da agricultura familiar conseguem produzir em áreas menores com mais eficiência diversificando culturas e aumentando o produto bruto da propriedade, tendo maior produtividade. Entretanto só é possível quando há força de trabalho disponível. Sendo deste modo mais competitivos quando comparados com produtores que podem ter grandes áreas, produção por hectare baixa, e diversidade de renda menor, por exemplo (SIMONETTI, 2013).

A capacidade de organização e coordenação dos agentes dentro da cadeia está relacionada a competitividade do setor. Um fator relevante na coordenação do SAI é a assimetria de informações: quando um determinado agente dentro da cadeia detém mais informação que outro, podendo se beneficiar de alguma forma e causar prejuízo a outra parte. A importância dos arranjos horizontais está intimamente ligada neste aspecto, para amenizar a assimetria de informações dentre os agentes, por meio do cooperativismo e associações de produtores (Williamson, 1985).

Produtores de leite que participam de redes cooperativas são mais tecnificados, possuem tanques de expansão e tem maior produção média, além disso são mais dependentes da produção de leite e este fator pode influenciar no maior nível tecnológico. Em relação a qualidade do leite este grupo possui leite de maior qualidade, pois possuem maior acesso informação por meio destas redes cooperativas. Deste modo estes agricultores possuem maior produtividade, desempenho de mercado e disposição para investimento, quando comparados com produtores que não participam destas redes (SCHEBELESKI e BÁNKUTI, 2016).

Entre as possíveis formas de incremento de competitividade na produção leiteira, a participação em arranjos horizontais, associações e cooperativas, representa importante alternativa (Brito *et al.*, 2015). Os arranjos horizontais são entendidos como organizações entre agentes de um mesmo segmento, produção rural por exemplo, que se unem em busca de objetivos comuns. Diferentemente dos arranjos verticais, que representam a união de agentes de diferentes segmentos, a exemplo, da união entre produtores rurais e indústrias, (BAUM e INGRAM, 2000). Entre os exemplos mais comuns de arranjos horizontais e verticais estão as cooperativas e associações de produtores e/ou indústrias.

A participação em arranjos horizontais pode facilitar o acesso a informações, diminuir riscos na tomada de decisões e também aumentar o poder de barganha de produtores de leite em suas negociações com a indústria de laticínios e com fornecedores de insumos. Além disso, pode diminuir a assimetria de informações entre os produtores e a indústria, reduzindo a possibilidade de ações oportunistas por parte dos agentes (Brito *et al.*, 2015).

Desta forma, a participação em arranjos horizontais pode significar maior competitividade para produtores de leite (BRITO *et al.*, 2015). Não apenas para produtores de leite, os arranjos horizontais em qualquer elo da cadeia produtiva trazem benefícios para os agentes. Porque produtores que participam de cooperativas, por exemplo, são comprometidos com as mesmas. Produzem e entregam o leite de acordo com as instruções das cooperativas, melhorando sua qualidade, conseqüentemente obtendo leite e derivados de qualidade, chegando até o consumidor final um produto de excelência. O incentivo das cooperativas aos produtores de leite oferece maior segurança e confiança na produção, resultando também em maior força de mercado aos produtores e cooperativas (SCHEBELESKI e BÁNKUTI 2016).

Fatores como grau de competitividade baixo, níveis socioeconômicos, institucionais e tecnológicos dos produtores devem ser fortalecidos; uma das formas para que isso aconteça é o fomento de estratégias de extensão, pois levam conhecimento sobre a produção, novas tecnologias e até formas de associação para produtores evoluírem dentro da cadeia (BÁNKUTI *et al.*, (2014).

### Conclusão

A competitividade entre produtores está atrelada a fatores de produção, ao ambiente institucional e qualidade do produto final. A forma com que este produto chegará ao laticínio para ser beneficiado e, posteriormente, chegar à casa do consumidor que, ano após ano, está mais exigente. A produtividade, a qualidade e a sustentabilidade estão cada dia mais em evidência, fazendo com que a população volte a atenção para a forma como se produz e exija um produto dentro dos padrões tanto no âmbito rural quanto produto final.

As normas e regulamentações devem passar por ajustes para que cheguem facilmente até os produtores de leite; desta forma, estes conseguirão se adaptar à nova realidade. É necessário que haja a adaptação por parte dos produtores para que não desistam da produção ou que retornem ao mercado informal. Os produtores que participam dos arranjos horizontais têm sido considerados como aqueles com maior capacidade de adaptação ao novo ambiente competitivo ocorrido a partir da década de 90 no Brasil.

Conclui-se que para pequenos produtores de leite serem mais competitivos é importante que eles participem de arranjos horizontais, para aumentarem seu poder de barganha, terem acesso a mais informações de produção, transação, dentre outros. Além de que formas cooperativas em qualquer elo da cadeia traz benefícios para toda cadeia produtiva.

### Referências Bibliográficas

- BÁNKUTI, F. I. et al. Análise da competitividade potencial da produção leiteira na microrregião de Maringá, estado do paraná. **Informações Econômicas, SP**, v. 44, n. 1, 2014.
- BÁNKUTI, F. I., S. M. S. BÁNKUTI and SOUZA FILHO H. M., 2009. Entraves para inserção de produtores de leite no mercado formal da Região de São Carlos, Estado de São Paulo (Barriers to the inclusion of dairy farmers in formal market in São Carlos region, SP). **Informações Econômicas, SP**, v 39 (7): 19-31.
- BAUM, J.A.C.; INGRAM, P. Interorganizational learning and network organization: toward a behavioral theory of the interfirm. In: MARCH, J.G.; AUGIER, M. (Eds.). **A tribute to Richard M. Cyert**. Aldershot (UK): Edward Elgar, 2000. p.191-218.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Instrução Normativa no 51, de 20 de setembro de 2002**. Aprova os regulamentos técnicos de produção, identidade e qualidade do leite tipo. Disponível em: < <http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/EMATER/DOC/DOC00000000001051.PDF> > Acesso em: 29 mar. 2016.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Instrução Normativa nº 62, de 29 de dezembro de 2011**. Disponível em: < <http://www.apcbrh.com.br/files/IN62.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2016.
- BRITO, M. M. de et al. Horizontal arrangements: strategy for reducing the asymmetry information for dairy farmers in Paraná, Brazil. **Ciência Rural**, v. 45, n. 11, p. 2069-2075, 2015.
- BRITO, M. M. et al. Horizontal Arrangements and Competitiveness of Small-Scale Dairy Farmers in Paraná, Brazil. **International Food and Agribusiness Management Review**, v. 18, n. 4, p. 154, 2015.
- DERAL. Departamento de Economia Rural. LEITE- Análise da conjuntura agropecuária. 2016. Disponível em: <[http://www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/Prognosticos/2016/bovinocultura\\_de\\_leite\\_2016.pdf](http://www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/Prognosticos/2016/bovinocultura_de_leite_2016.pdf)> Acesso em: 29 mar.2017.
- FARINA, E. M. M. Q. Competitividade e coordenação de sistemas agroindustriais: um ensaio conceitual. **Revista Gestão & Produção**, v. 6, n. 3, p. 147-161, 1999.
- FIGUEIRA, S. .I.; BELIK, W. Transformações no elo industrial da cadeia produtiva do leite. **Cadernos de debate**, v. 7, p. 31-44, 1999.
- INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL - IPARDES Caracterização da indústria de processamento e transformação do leite no Paraná. Curitiba: IparDES, 2010.
- JANK, M. S., E. M. M. Q. FARINA and V. B. GALAN. 1999. Competitividade do Sistema Agro industrial do Leite (Competitiveness of dairy agrisystem). PENSA-USP: São Paulo.
- MARTIN, L., R. WESTGREN, R., E. VAN DUREN. 1991. Agribusiness competitiveness across national boundaries. *American Journal of Agricultural Economics* 73: 1456-1464.
- SCHEBELESKI, P. GROTTI; BÁNKUTI, S. M. S. Estratégias de cooperação e competição no sistema agroindustrial do leite no Paraná: Um Estudo no Segmento Produtor. **Perspectivas Contemporâneas**, v. 11, n. 1, p. 165-187, 2016.
- SCHUBERT, M. N.; NIEDERLE, P A. A competitividade do cooperativismo de pequeno porte no sistema agroindustrial do leite no oeste catarinense. *Revista*, v. 5, n. 1, 2015.
- SILVA, C.A.B.; BATALHA, M.O. Competitividade em sistemas agroindustriais: metodologia e estudo de caso. In: WORKSHOP BRASILEIRO DE GESTÃO DE SISTEMAS AGROALIMENTARES, 2. 1999, Ribeirão Preto. **Anais...** Ribeirão Preto: PENSA/FEA/USP, 1999. Disponível em: <<http://ceragro.iica.int/obsevatorio/Lists/OUTRAS%20METODOLOGIAS%20DE%20ACOMPANHAMENTO%20DE%20CADEIAS%20P/Attachments/5/Competitividade%20em%20Sistemas%20Agroindustriais%20%20Metodologia%20e%20Estudo%20de%20Caso.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2013.
- SIMONETTI, D. et al. Diversificação da renda e agregação de valor na agricultura familiar: lições a partir de uma comunidade rural. **Extensão Rural, Santa Maria**, v. 20, n. 2, p. 132-144, 2013.
- SOUZA, R. P.; BUAINAIN, A. M.. A competitividade da produção de leite da agricultura familiar: os limites da exclusão. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 21, n. 2, 2013.
- WILLIAMSON, O.E. The economic institutions of capitalism: firms, markets, relational contracting. New York: The Free Press, 1985. 468p.